

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	28.º Anno — XXVIII Volume — N.º 970	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Typ. do Anuario Commercial—Calçada da Gloria, 5
Portugal (franco de porte), m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$130	10 DE DEZEMBRO DE 1905	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		

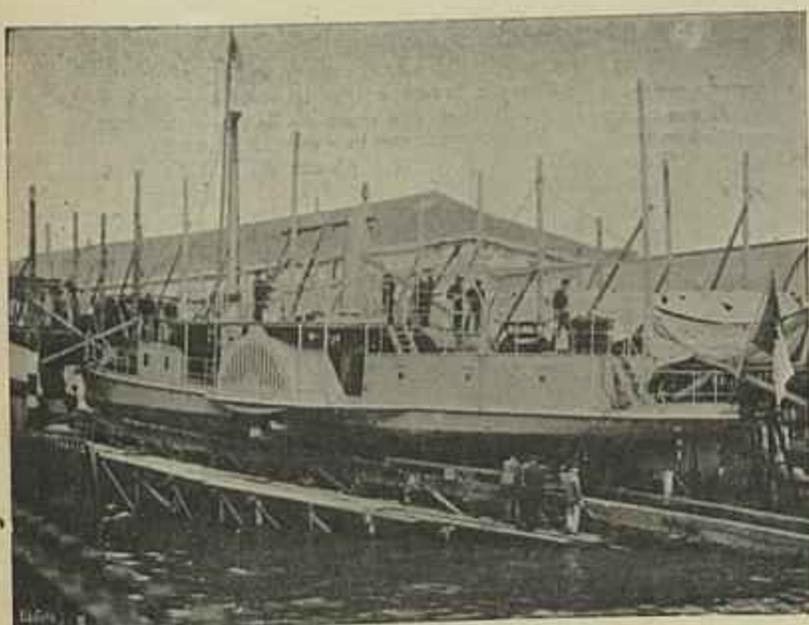
Lançamento ao mar da lancha canhoneira "Infante D. Manoel,"



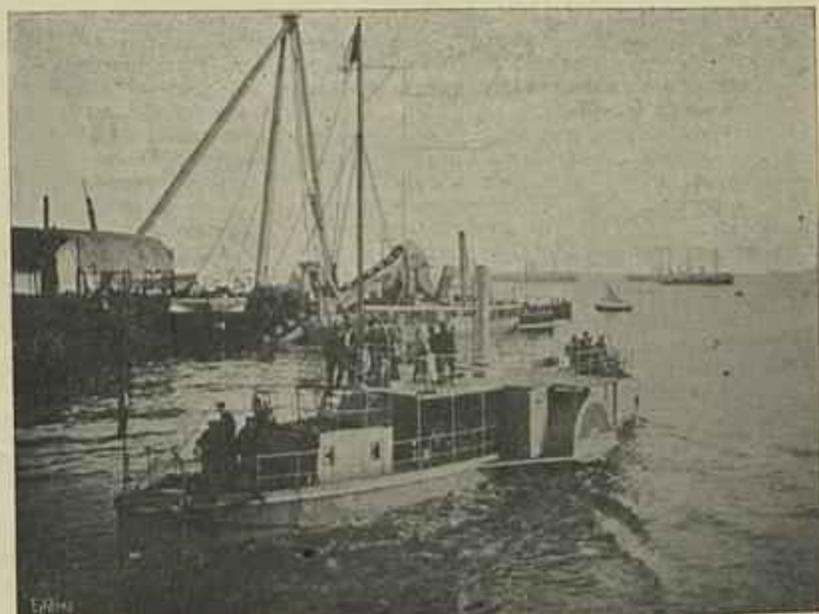
SUA ALTEZA O SENHOR INFANTE D. MANOEL  
(Photographia do sr. A. Bobone)



NO ARSENAL DA MARINHA. — S. A. O SENHOR INFANTE D. MANOEL  
FALANDO AO SR. CONTRA-ALMIRANTE FERREIRA DO AMARAL



A LANCHA CANHONEIRA «INFANTE D. MANOEL» NA CARREIRA



A LANCHA CANHONEIRA «INFANTE D. MANOEL» NO TEJO

## CRONICA OCCIDENTAL

Depois das grandes festas officiaes, com que o governo da republica franceza recebeu El-Rei o Sr. D. Carlos, retirou-se este para o hotel Bristol, onde, como qualquer simples mortal, gosa em Paris do que é negado aos reis quando não se refugiam n'esse convencionalismo vulgarmente conhecido por *incognito*. E' uma mascara muito transparente que elles poem no rosto, menos ainda que uma meia mascara, mas toda a gente bem criada, até a mais cortezã, tem obrigação de respeitá-la. Assim succedeu ao Sr. D. Carlos, uma d'estas noites, no theatro das Variedades, onde os vivos de alguns que o conheceram foram logo abafados por gente que, por menos entusiastica, não deixava de ser mais polida.

Continua na regencia do reino o Principe Sr. D. Luiz Philippe, que, máu grado agoirentos vaticínios, espera ver deslisar o seu governo até á chegada de El-Rei, nas proximidades do Natal, sem que a historia tenha de tomar em nota casos de maior gravidade.

Ao comício de Lisboa seguiu-se o de Coimbra, que ha dois dias se realisou, com a presença dos deputados dissidentes do partido progressista que o haviam aqui convocado. O contracto dos tabacos continua sendo o caso do dia, sempre falado e discutido, e agora ainda mais, depois que o sr. Conde de Burnay, melhor de seus padecimentos, com o que muito folgamos, partiu para Paris.

O que poderia ser? pergunta-se. Cada qual faz os seus commentarios, quasi todos em demasia lugubres, e o futuro do contracto e a vida do governo, são o pão de cada dia para os que se divertem a fazer prophcias e apostas. Uns trinam como rouxinões, porque vêem tudo azul e côr de rosa, parcendo-lhes que aponta uma alvorada; outros são fatidicos mochos, piando no crepusculo, adivinhando tragedias que se preparam.

As que hão de vir ainda estão, porém, na mão de Deus, que escreve direito por linhas tortas. As peores são as que já passaram, as que encheram familias de luto e arrancaram a todos os corações um grito de dôr.

Lia-as a gente e não acreditava nos telegramas que nos diziam de Coimbra o caso dramático da morte de Sousa Refoios ás mãos d'um doído, antigo estudante da Universidade, a quem o sábio professor dera no acto final uma classificação menos alta do que elle parecia esperar.

Passaram-se uns annos e o desgosto — se foi elle — foi-se transformando em loucura. O desgraçado passou mezes encerrado n'uma casa de saude, mas o mesmo desejo de vingança continuava sempre a perturbar-lhe a razão. Havia de matar quem o desgraçara, dizia elle. Vinham depois intervallos claros, e n'um d'esses deixaram-o sahir; parecia melhor, quasi curado; a mãe do enfermo, diz-se, escreveu a Sousa Refoios contandolhe que o perigo desaparecera. O perigo continuava, porém e ha dias, n'uma das ruas de Coimbra, o illustre medico foi morto por quatro balas disparadas á queima-roupa.

Era o dr. Refoios um dos mais conceituados professores de Coimbra, tendo regido na Universidade as cadeiras de anatomia clinica das mulheres e clinica cirurgica. Devem-se-lhe muitas publicações e foi elle o fundador da revista scientifica, *Movimento medico*. Era um operador muito distincto, especialista em doenças d'olhos, o que lhe trazia grande clientela. Havia por elle em toda Coimbra a maior consideração e era grande seu prestigio entre os estudantes, pelo muito que ao seu trabalho e cultissima intelligencia deviam os progressos da faculdade.

Doe deverás vêr que pode um velho, n'um máo momento de furia, aniquilar assim para todo o sempre n'este mundo um espirito cuja lucidez tanta luz poderia ainda derramar. Assim o quiz a fatalidade. E seria esta? Não teria havido meio de evitar um mal tamanho? Vemos em varios jornaes commentarios bem deduzidos sobre esta pergunta. O dr. Teixeira dos Reis não escondia as suas tenções e algumas providencias teriam sido possiveis e eram necessarias.

O desgosto foi enorme em toda Coimbra; o commercio encerrou as suas portas em signal de sentimento, e, no dia seguinte ao da morte do chorado professor, houve feriado geral na Universidade. O enterro foi commovente, fazendo-se n'elle representar o sr. Presidente do Conselho pelo reitor da Universidade, sr. dr. Pereira Dias. A amargura e saudade manifestavam-se em todos os rostos.

Commovia-se Lisboa com a má nova, quando no sentimento geral novamente acordaram novas saudades por outro morto illustre, homem que, gosando de sympathias geeraes, tornára seu nome

conhecido na politica e muito estimado no partido regenerador em que ha já muitos annos militava.

Quasi repentinamente, porque ainda ha poucos dias lhe haviamos falado, falleceu d'uma congestão pulmonar, em sua casa, rodeado pelos seus que muito o estimavam, o conselheiro Pedro Victor da Costa Sequeira, antigo ministro de estado e actualmente administrador da Casa Real, cargo que com muito zelo e prudencia soubera desempenhar.

Filho do general Pedro Victor da Costa Sequeira e sobrinho do grande pintor Domingos Antonio de Sequeira. Começou seus estudos na Universidade de Coimbra, onde se bacharelou em mathematica e philosophia, partindo depois para Paris onde terminou brilhantemente o curso de engenharia de minas. Voltando a Portugal dirigiu uns trabalhos nas minas de Beja, cidade para que, tempos depois, voltou exercendo o cargo de governador civil, para que foi nomeado pelo governo regenerador. Foi eleito deputado em diferentes legislaturas, distinguindo-se nas discussões sobre as obras do porto de Lisboa e projecto de estradas por empreitadas geeraes. Em 1892, no gabinete presidido pelo sr. José Dias Ferreira, tomou conta da pasta das obras publicas em que muito se distinguio. Foi depois da demissão do gabinete que Pedro Victor entrou para a administração da Casa Real, cargo em que iniciou as economias cortando parte do seu ordenado. Foi um jornalista vigoroso, havendo collaborado activamente na *Gazeta de Portugal* e no *Correio da Manhã*. A beira de seu tumulo falaram os srs. D. João de Alarcão em nome do governo e Conde de Paçõ Vieira em nome do partido regenerador.

Este, ao menos, mo' reu de morte natural, entre os seus, depois d'uma laboriosa vida, o que lhe daria tranquillidade de consciencia na ultima hora.

Se ainda vivessemos nos tempos romanticos, romance poderiamos nós agora fazer contando o caso de Lamedos, freguezia proximo da Povoia de Vazim, onde um grupo de salteadores atacou a residencia do abbade, que, não sendo pêco, se defendeu a tiro deixando um d'elles estirado morto no chão, com uma chumbada em cheio no rosto.

Parece um caso de outros tempos, aquelle caminhar dos bndidos pela noite, para darem o assalto, o apalpar das portas, o forçar das janelas, o tiro, o toque a rebate que poz em sobresalto a população.

O abbade foi preso, mas pouco depois era solto, e com toda a razão.

Com assumptos d'estes já hoje ninguem se lembra de fazer dramas. Os salteadores d'este jaez já nos parecem coisa fossil, nem usam pluma nos chapéus, nem são capazes de longas tiradas em que d'antes costumavam arrancar os applausos da multidão, homens cheios de generosidade e cavalheirismo no meio da rapina. Muito podiam as imaginações! Haviam velhas romanticas que dariam tudo para serem raptadas e amadas por um capitão d'esses ladrões.

O theatro de hoje chegou-se muito mais para a verdade. Digam-o os que tiveram agora o prazer de applaudir Férandy na obra prima de Octave Mirbeau: *Les affaires sont les affaires*.

Seria o caso de dizer-se que por muito feliz se deve dar o abbade de Lamedos. Poderia ter cahido nas mãos d'um d'estes theoreticos e se, com toda a razão, o mandasse para a outra vida, encontraria talvez dez jurados que o mandassem para a penitenciaria.

A companhia franceza que actualmente representa no theatro D. Amelia é das melhores que teem vindo a Lisboa e Férandy é applaudido todas as noites, com excepcional entusiasmo. O repertorio é excellente, o que nem sempre succede com as companhias estrangeiras que muita vez sugieitam o principal no theatro, que é a escolha de peça, ao brilho mais ou menos glorioso, da estrella de primeira grandeza.

Ora drama, ora comedia, é preciso trazer para todos os paladares. Talvez aida o melhor seja tudo juntar na mesma obra e apresentar um drama alegre, o que é difficil, ou uma comedia triste, o que é vulgar.

Tão vulgar até que não deixaremos de fazer menção n'esta chronica d'um caso, que ahí foi muito falado agora, do habi o de Christo dado a quem foi no Brazil peor que mercador de escravos, porque o foi de feitio que não pode o pudor deixal-o escrever aqui. E deram-lhe o habito de Christo! Dá vontade de rir, se é verdade; mas, se é verdade, também dá vontade de chorar. O melhor é rir.

## Lançamento ao mar da lancha-canhoneira

«Infante D. Manoel»

O dia 28 de novembro findo, foi dia de festa no Arsenal de Marinha, como é sempre o lançamento de um novo navio ao mar.

Infelizmente não se repetem com frequencia esses dias, em que o Arsenal dá signaes de vida e de trabalho, e por isso, tanto mais para celebrar quando de annos a annos, lança ao mar um navio construido nos seus estaleiros.

Agora foi a lancha-canhoneira *Infante D. Manoel*, o navio lançado ás aguas do Tejo, onde se poderiam abrigar as esquadras do mundo.

Esta lancha levou cerca de 14 mezes a fazer, tendo principiado os trabalhos da construcção em 7 de setembro de 1904. Não se pôde dizer que fosse um prodigio de celeridade, n'um estabelecimento em que se empregam alguns milhares de operarios.

Emfim, o barquinho lá foi ao mar, e com felicidade, o que a todos deu satisfação, a todos que assistiram ao seu lançamento e a quantos desejam as prosperidades e desenvolvimento da nossa marinha como uma necessidade que mais se impoem n'um paiz colonial como o nosso, e que nas colónias tem sua esperanza e futuro.

S. A. o Sr. Infante D. Manoel quiz honrar com a sua presença o lançamento ao mar da lancha-canhoneira que tem o seu nome, nome já inscripto tambem na gloriosa marinha portugueza, como o foi o de seu augusto avô paterno.

O sr. Infante D. Manoel chegou ao Arsenal pelas 2 horas da tarde e foi recebido pelo inspector sr. conselheiro Ferreira do Amaral, contra-almirante sr. Augusto de Castilho, delegado da commissão portugueza no Brazil para a subscrição da canhoneira *Patria*, major general da armada sr. vice-almirante Cypriano Lopes d'Andrade, chefe do estado maior sr. capitão de mar e guerra Augusto Osorio, ajudantes, primeiros tenentes srs. Moraes de Castro e Raul Furtado, director dos serviços maritimos, sr. capitão de mar e guerra Augusto José d'Almeida, sub-director dos mesmos serviços, sr. capitão de fragata Assis Camillo, secretario da inspecção, sr. capitão-tenente Pacheco Moreira e o sr. conde de Agrolongo, membro da commissão portugueza no Brazil da subscrição para a canhoneira *Patria*, etc.

O sr. dr. Moreira Junior, ministro da marinha, chegou pouco depois com o chefe do seu gabinete, sr. capitão de fragata Ernesto de Vasconcellos, e ajudante sr. tenente Elycio Leitão.

Sua Alteza fez uma minuciosa visita á nova canhoneira, que é construido de aço zincado e tem 24<sup>m</sup>,600 de comprimento entre perpendiculares; 4 de bocca; 0<sup>m</sup>,580 altura da carena a meio; calado d'agua: 4 ré 0<sup>m</sup>,720, a meio 0<sup>m</sup>,580 e a vante 0<sup>m</sup>,440; superficie immersa na casa mestra, 0<sup>m</sup>,18. deslocamento (toneladas) 37,600. A machina, que pertenceu á lancha-canhoneira *Noguei*, é da força de 64 cavallos, com dois cylindros. A caldeira do typo locomotiva, foi tambem construida no Arsenal. O andamento é de 8 milhas.

Depois do sr. Infante visitar a canhoneira, cuja construcção elogiou achando bem dispostas todas as dependencias da pequena embarcação, passou Sua Alteza a visitar algumas das officinas do Arsenal, até chegar a hora do preamar em que a *Infante D. Manoel* devia ser lançada á agua.

Eram 2 horas e tres quartos quando o novo barco deslisou nas aguas do Tejo, na presença do sr. Infante que, pondo a mão direita sobre a roda de proa, proferiu a phrase do estylo: *Vae com Deus*.

Além das pessoas já citadas, assistiram a este acto muitos officiaes de marinha, pessoal do Arsenal e muito povo que se juntou nas margens proximas.

A lancha-canhoneira *Infante D. Manoel* foi construida com o dinheiro que sobrou da subscrição promovida no Brazil pelos nossos compatriotas para a construcção da canhoneira *Patria*.

Os srs. contra-almirante Augusto de Castilho, delegado tecnico e conde de Agrolongo, representante da commissão portugueza no Brazil, fizeram entrega ao Governo portuguez, da lancha-canhoneira *Infante D. Manoel*, no dia seguinte ao do seu lançamento ao mar.

As experiencias a que depois se procedeu do andamento e manobra do navio deram bom resultado, e a *Infante D. Manoel* já seguiu para o serviço que lhe foi destinado da fiscalisação no Rio Minho.

## Theatro da Trindade

## A MUSA DOS ESTUDANTES

Na noite de 14 do corrente, realisa-se no elegante theatro da Trindade, um espectáculo que, pelo brilhantismo, que o reveste, tem jus a menção especial nas paginas d'esta antiga revista litteraria e artistica. É a recita de h'ra da festajada opera comica *A musa dos estudantes*, que o bizarro e habil empresario Affonso Taveira offerece e dedica aos illustres auctores d'essa magnifica peça, que veio confirmar os créditos de escriptor de primeira plana de que gosava o nosso querido amigo Machado Correia, revelar uma nova phase do talento do distincto caudico e jornalista, sr. dr. Cunha e Costa e provar mais uma vez o notavel merecimento do maestro Thomaz Del-Negro, como compositor e instrumentista eximio.

*A musa dos estudantes* é um dos maiores successos que o theatro tem de registar nas suas paginas d'ouro entre as melhores produções portuguezas. Desde a primeira representação, dada a 22 de abril ultimo, em Lisboa, de seguida em differentes paragens do Brazil, e, agora, novamente na terra da alface, a esplendida opera-comica tem causado enthusiasmo. O entreccho do poema e os acordes da partitura conseguem que o espectador esteja sempre ávido em a applaudir e nenhum deixa de ficar com vontade de a bisar.

Que, ali, não se sabe bem que mais se deve admirar, se o patriotico e poetico do assumpto; se o irreprehensivel da prosa, cheia de interesse e polvilhada de espirito; se a desinencia e estrutura do verso; se a inspiração e alto valor da musica; se a belleza e esmero da *mise-en-scene*.

O desempenho é tambem correctissimo, fazendo honra aos artistas e ao seu intelligente e criterioso ensaiador o nosso amigo Taveira.

Em duas paginas apresentamos aos leitores os retratos dos auctores, maestro e ensaiador d'*A musa dos estudantes* e dos seus interpretes com a respectiva designação das personagens que interpretam. A todos a nossa homenagem, porque todos, consoante as suas forças, concorreram para o exito d'um original portuguez.

PEDRO PINTO

## LITTERATURA RUSSA

UM SANTARRÃO

por IWAN TURGENJEW

Tradução de M. Macedo

— Mortos, é coisa que não ha.  
— Como assim?  
— As almas nunca morrem; são immortaes e podem tornar-se visiveis, sempre que lhes aprouver: cercam-nos, nunca deixam de estar presentes.

— Muito me conta! Quer então persuadir-me de que em volta ali d'aquelle major, com o nariz cõr de pimentão, paira n'este instante uma alma immortal?

— E porque não? A luz do sol quando o alumia, alumia-lhe tambem o nariz — e a luz do sol, como aliás succede a todas, não virá tambem de Deus? Que importancia tem as exterioridades? Para os puros, não existe a impureza! A questão depende apenas de encontrar um mestre, um guia.

— Mas permita-me... permita-me, atalhei; e devo confessá-lo, não sem malignidade. Precisa então, de um guia e o seu confessor?

Sophia mirou-me com frieza.  
— Quer-me parecer que pretende divertir-se á minha custa. O meu confessor diz-me o que devo ou não devo fazer; mas do que eu preciso é de um guia, que me ensine, com o proprio exemplo, o modo porque devemos sacrificar-nos.

E fitou os olhos no tecto. Com aquelle seu rosto infantil e aquella expressão de immutavel pensar, no tocante a mysteriosos prodigios, fazia lembrar madonnas de Raphael...

— Li, não sei onde, proseguiu sem se voltar para mim e movendo apenas os labios, que um individuo de consideração tinha estabelecido, que o sepultassem por baixo da porta da igreja, afim de que quantos n'ella entrassem caminhassem por cima d'elle e o calcassem a pés. Isto mesmo deviam todos fazer em vida...

— Bum-bum, rá-tá-tá, estrugiam os instrumentos de vento.

Devo confessar que semelhante thema de conversação, em um baile, me pareceu ser coisa rara; involuntariamente, accudiram-me pensa-

Por um deploravel erro typographico sahii em o numero antecedente este conto com o titulo do conto publicado em os n.ºs 965 e 966 — *Tremenda Noite*.

mentos de indole totalmente diversa á do nosso religioso colloquio. Aproveitei a occasião e convidei o meu par a tomar parte em uma das figuras da masurka, afim de evitar que se renovasse a nossa semitheologica discussão.

Volvido um quarto de hora, fui entregar outra vez a menina Sophia ao seu papá, e d'ali a dois dias, ausentei-me da cidade de T...: a imagem da donzella de semblante infantil e de alma impenetravel e marmorea de todo se me varreu da ideia.

Haviam decorrido dois annos, eis que volta a surgir-me na frente a dita imagem, e nas seguintes circumstancias. Um meu collega estava-me narrando casos succedidos com elle na Russia meridional, donde regressára, pouco havia.

Fizera uma tal qual persistencia na cidade de F., o que lhe facultava o achar-se habilitado a transmitir-me algumas informações acerca da respectiva sociedade.

— A proposito, exclamou de subito, se me não engano, o meu amigo deve conhecer muito bem aquelle proprietario, o B...?

— Conheço, pois não?  
— E não deixará tambem de ter conhecido a filha, a Sofia?

— Effectivamente, vi a algumas vezes.

— Pois saiba que fugiu!

— Fugiu! muito me conta!

— E' verdade. Desappareceu, vae em três meses, e nunca mais se soube onde pára. E o mais extraordinario, é que nunca se pôde apurar com quem tinha fugido. Ora imagine, não ha o minimo indicio, nem se suspeita sequer, onde é que se occultará! Tem dádo quinquá aos mais espertalhões, ella, que no seu viver ordinario era a propria singelêza!

E' no que sempre vem a acabar estas mosquinhas mortas, estas santinhas! Um escandalo sem procedentes em todo o districto!

O pae está como doido!... Que precisão tinha de fugir? O pae fazia-lhe todas as vontades.

O mais digno de nota, e chega a parecer incomprehensivel, é que de todos os *Lovelaces* cá da terra, não se deu pela falta de um só

— Não lhe puderam então encontrar o rastro?  
— E' como te digo: foi como se se tivesse deitado a afogar!

Uma herdeira rica de menos. E ahí é que está o peor da festa.

Causou-me o maximo assombro semelhante noticia. Estava em tão absoluta contradição com as recordações que eu conservava da Sofia B! E d'ahi, o que é que não acontece, n'este mundo!

No outono d'aquelle mesmo anno, acarretou com nigo outra vez o meu destino, em missão official, para o districto de S. o qual, como é alias notorio, confina com o districto de T. O tempo estava frio e chuvoso. Os estafados cavalos de posta a muito custo arrastavam a minha leve *tarantass* por sobre o sólo denegrido e balofo da estrada real.

Em um dos dias da jornada succedeu-me até, um desagradabilissimo contratempo. Por três vezes ficámos com as rodas atascadas até ao eixo.

O meu postilhão, a poder de muito esforço, e saltando mil clamores e imprecações, lá ia aguentando o carro ora de um lado ora de outro.

Era nullo porem, o resultado.

Em summa, ao cair da noite sentia-me derreado a tal ponto, que, assim que conseguimos alcançar uma estação, resolvi pernoitar em uma locanda contigua.

Levaram-me para um cubiculo, tendo por mobilia um canapé de madeira, muito estreito, com o sobrado carunchoso, e um tapete esfarrapado; tresandava a *guass*, cortiça, cebólas, e um tanto a terebintina; as moscas eram em nuvens. E não obstante, ali, sequer ao menos, estava ao abrigo do mau tempo; e a agua, durante vinte e quatro horas, caira, como se costuma dizer, a cantaros.

Pus em ordem a machina de chá, sentei-me no canapé e entreguei-me a esses vagos e sombrios devaneios tão conhecidos de quantos viajam através da Russia.

De subito, vem arrancar-me aos meus devaneios um forte ruido, vindo da sala commum da locanda, devidida do meu cubiculo apenas por um tabique. Incidiu com o dito ruido um sonôro tilintar, como de cadetas, e simultaneamente, então uma voz grossa, de timbre masculino:

— A benção de Deus seja n'esta casa. Deus os abençoe a todos! A todos sem excepção! Amen, Amen! — afasta-te d'aqui! insistiu a voz, escandindo e acentuando de mais em mais a ultima silaba de cada palavra, e arrastando-as em tom de crescente aspereza... Ouviu-se então um forte suspiro e no mesmo instante o som baço de um corpo pesado caindo em cima de um banco.

— «Akulina! serva de Deus, anda cá! encetou de novo a voz; «vejam isto, tão lhana, tão santa... ha ha ha, Ui! Deus nosso senhor!» trourou a voz, como a do diacono cantando no côro.

— Deus nosso senhor, tu que dispões da minha vida, lança os olhos para a minha miseria!... oh! oh! oh! Ha ah! Ui! E purifica esta casa á setima hora!

— Que quer dizer aquillo? perguntei á locandeira que me trouxera a machina do chá.

— Aquillo, meu paizinho, respondeu a creatura, rapida e como que em segredo, é um santo, um homem de Deus! Appareceu por estes sitios, ha pouco tempo, e hoje dignou-se honrar a nossa casa com a sua presença. E vinha a escorrer em agua, aquelle santinho! E se visse as cadeias que elle arrasta! Até põe medo á gente!

— Deus os abençoe, Deus os abençoe, «voitou a dizer a voz». «Akulina, Akulina, Akulininha, rica amiguinha! E onde será o nosso paraizo, o nosso formosissimo paraizo? — O nosso paraizo é no deserto... Mas n'esta casa desde o principio da nossa era hade entrar uma grande alegria... oh! oh! oh!...»

A voz murmurou umas palavras inintelligiveis, e de subito chugou-me aos ouvidos o som de um estirado bocêjo e, logo a seguir, uma estridua gargalhada. Soava como um riso involuntario, percebi, porém, que o individuo, de cada vez que ria, de enojado, cuspiu fóra (!).

— Ah! E o Stepanitsch não está em casa! Que pena! exclamou a locandeira como que de si para si, assomando á porta e manifestando a mais intensa attenção.

Não deixará de proferir alguma palavra que nos traga a ventura, e eu, pobre velha estúpida, sou capaz de a não perceber! Disse, e retirou-se a toda a pressa.

Havia uma fenda no tabique. Pus-me á espreita. O Jurodiwi (?) estava sentado em um banco, e de costas voltadas para mim; eu apenas lhe distinguia a enorme cabeça, do tamanho de um barril de cerveja, com a grenha hirsuta, e por debaixo dos andrajos, insopados, as costas largas, alcachinadas. Em frente d'elle, ajoelhada no soalho immundo, uma mulher franzina, com um cazavêque muito velho e insopado da chuva, um lenço escuro na cabeça, caído sobre os olhos. Estorçava-se quanto podia para descalçar as botas ao Jurodiwi, mas os dedos escorregavam-lhe no cabedal, sujo e gorduroso. A locandeira, de braços cruzados, junto d'ella, contemplava o santarrão com olhar beatifico, este murmurando sem cessar palavras inintelligiveis.

Até que por fim, a mulher do casavêque conseguiu descalçar-lhe as bótas. Com o esforço por pouco não caiu no chão, equilibrou-se, conforme pôde, e eutrou a desembulhar as faixas que envolviam os pés do Jurodiwi. Tinha uma chaga no peito do pé... desviei a vista.

— Não te conviria uma chavenazinha de chá, meu páezinho? perguntava-lhe a locandeira em tom compungido.

— O que convem, replicou o Jurodiwi, é martirizar este corpo peccador!... oh! oh! oh! partir-lhe os ossos todos... e tu... a offerecer-me chá! Ah! ah! estimavel mãezinha!

«Estamos entre as garras de Satanás! E Satanaz tem muita força! O frio, a fome, as valvulas todas do ceu a despejar torrentes de chuva em cima d'elle, e nada lhe dá abalo! Lembra-te do dia da intercessão da mãe de Deus! Muito te aproveitou, «muito!» muito!»

A locandeira, abismada, soltava exclamações freçadas.

— Escuta bem isto que eu te digo: dá tudo, dá a tua cabeça, dá a propria camisa! Não ha quem precise de seja do que fôr! Mas vae sempre dan-

(?) Habito supersticioso entre os eslavos.

Os beatos cospem sempre que fhem involuntariamente, indignados por terem cedido á tentação do Espirito maligno.

(?) Jurodiwi é o nome pelo qual são designados, na Russia uns certos loucos fanaticos, que abdicam totalmente pozos terrestres, submetendo-se a toda a custa de tribulações e levando viver erradio! O povo trata-os com supersticioso acatamento e considera como prenução de ventura a presença de qualquer d'elles nos seus penates.

# Theatro da Trindade



DELFINA VICTOR  
(Alvaro)



AFFONSO TAVEIRA  
(Ensalador)



DOLORES RENTINI  
(Annita)



CUNHA E COSTA  
(Auctor)



GEORGINA GONÇALVES  
(Clarinha, a «Musa»)



MACHADO CORREIA  
(Auctor)



RAPHAEL SALVATERRA  
(Sargento Metralha)



ARMANDO VASCONCELLOS  
(Bernardo)



GABRIEL PRATA  
(Capitão Verdier)

# “A Musa dos Estudantes,”



GOMES JUNIOR  
(Fr. José)



ALMEIDA CRUZ  
(Junot)



ANTONIO MATTOS  
(Manuel)



BELLA DYSON  
(Gavroche)



STELLA DESLANDES  
(Rodrigo)



THOMAZ DEL-NEGRO  
(Maestro)



AUGUSTO CONDE  
(Dr. José Bonifacio)



JOSÉ CORRÊA  
(Conde de Riba-Uí)



ANTONIO PAIVA  
(Lourenço)



CARLOS VIANNA  
(Tenente Lejeune)



LADISLAU ALBUQUERQUE  
(Ruy)

## A natureza e seus phenomenos

## PARTE IV

## OPTICA

## CAPITULO I

## A LUZ E SEUS EFFITOS

(Continuado do n.º 969)

A luz propaga-se quasi que instantaneamente no espaço, sendo o caminho percorrido por ella, n'um segundo, superior a 77.000 leguas. Não obstante a gran te velocidade da luz, os phenomenos celestes são observados passado tempo depois de produzidos. A luz das estrellas mais proximas levam tres annos para chegar á terra.

Para medir a intensidade da luz, servem-se dos *photometros*.

*Intensidade da luz* é a quantidade de luz recebida por um corpo iluminado, salvo a unidade de superficie.

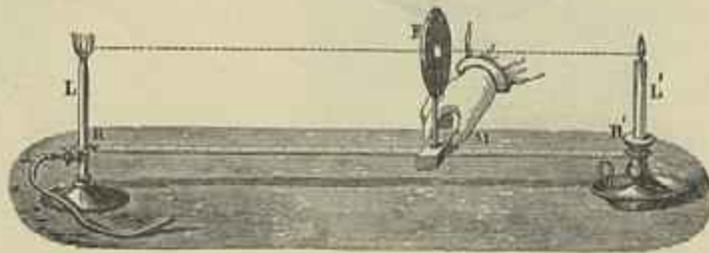


FIG. 50—PHOTOMETRO DE BUNSEN

Descreveremos o photometro de Bunsen, como o a nós empregado.

Este aparelho funda-se no seguinte principio: Supponhamos uma folha de papel com uma nodoa de gordura ao centro; o papel fica translucido no lugar onde se acha impregnado de materia gorda. Se a folha de papel for igualmente illuminada dos dois lados, a nodoa não se vê.

O instrumento consta de um alvo de papel E, com uma nodoa de gordura ao centro, e cuja base M pode fazer-se correr ao longo de uma regua RR', quadrada, que une as luzes L, L', cujas intensidades desejamos comparar.

Colloca-se o alvo de modo tal que as duas faces do alvo sejam igualmente illuminadas, para que se não veja a nodoa. Medindo as distancias, do alvo á luz, por meio da regua graduada, achamos a relação das suas intensidades.

Na intensidade da luz, reconheceremos que esta é inversamente proporcional ao quadrado das distancias do corpo illuminado ao foco luminoso.

A luz na sua propagação, encontrando um obstaculo, reflecte-se; não o podendo vencer, retrah-se.

Na reflexão da luz, reconhece-se:

1.º—Que o angulo de incidência é igual ao angulo de reflexão;

2.º—Que os dois angulos estão no mesmo plano. Sendo estes phenomenos identicos no do som, e calor, não insistiremos mais n'este assumpto.

A luz, incidindo sobre as superficies despolidas, reflecte-se, igualmente, mais em todos os sentidos, o que torna os objectos viziveis. E' este o phenomeno da *diffusão*. A luz, reflectida desegualmente, chama-se *luz diffusa*.

Para demonstrar a reflexão regular da luz, nas superficies polidas, utilizamos dos *espelhos*.

Estes podem ser *planos* ou *curvos* (o objecto que observamos pela reflexão é a *imagem*).

As imagens nos espelhos planos formam-se por detraz d'elles, a uma distancia igual á que separa o objecto, do espelho, e de dimensões eguaes á do objecto, sendo es a *imagem virtual*.

As imagens dizem-se *virtuaes* quando os raios reflectidos oivergem, e são os seus prolongamentos para a parte posterior do espelho, que se reúnem; dizem-se *reaes*, se resultam da sobreposição dos raios reflectidos.

Com dois espelhos paralelos em frente um do outro, obter-se-ha um numero infinito de imagens, devido a reflexões successivas da luz. Só se distinguem, porém, algumas imagens porque a sua intensidade vaee enfraquecendo sensivelmente.

Os espelhos planos são formados por uma lamina de vidro, tendo, posteriormente, applicada á sua superficie, uma camada de amalgama de estanho (combinação do mercurio com o estanho), que, vulgarmente se denomina o *aco dos espelhos*, substancia que produz a reflexão da luz.

Estes espelhos denominam-se igualmente *artificiaes*, em opposição aos *espelhos naturaes* ou aquelles que são fornecidos pela natureza, sem que seja necessario empregar trabalho algum para a sua fabricação. A agua, por exemplo, é um espelho natural.

*Espelhos curvos*. Estes podem ser esphericos, cylindricos, parabolicos, etc., consoante a superficie reflectidora pertencer a qualquer d'essas especies de superficie. Estes espelhos reflectem a luz, segundo as mesmas leis que os espelhos planos.

(Continua).

ANTONIO A. O. MACHADO

\* \* \* \* \*

## O MEZ METEOROLOGICO

Novembro, 1905

*Barometro*. — Maxima altura 775,<sup>mm</sup> em 23.

" " " " 741,<sup>mm</sup> 8 " 17.

Em 3, uma depressão barometrica fez descer o barometro a 751,<sup>mm</sup> 5 ás 3 h. p. m., e a 751,<sup>mm</sup> 2 á mesma hora, no dia 5, com chuvas fortes. Em 17, o barometro que accusava, ás 9 h. a m. 756,<sup>mm</sup> 7, desceu ás 12 h. p. m. até 741,<sup>mm</sup> 8 para subir a 748,<sup>mm</sup> 2 em 18 ás 9 h. m. e a 759,<sup>mm</sup> 9, em 19, á mesma hora subindo gradualmente, até 23.

*Thermometro*. — Maxima 18,<sup>o</sup> em 12.

" " " " 4,<sup>o</sup> 8 " 22.

A maxima temperatura é das mais fracas das observadas desde a fundação do observatorio.

Este nivel não tem logar desde 1878, em que a maxima temperatura do mez tambem foi de 18<sup>o</sup>, porém n'esse anno, tendo sido a media das maximas de 14,<sup>o</sup> 48, foi, esta em 1905, de 14,<sup>o</sup> 45, a media mais fraca desde 1854. A media das minimas foi de 10,<sup>o</sup> 03 sendo a de 1878, de 8,<sup>o</sup> 85. Em 3, o thermometro não subiu alem de 11,<sup>o</sup> 9 contra a 12,<sup>o</sup> 7 a mais fraca maxima registada até essa data. Em 17 a maxima foi de 9,<sup>o</sup> 1 e em 20, de 10,<sup>o</sup> 4 contra 11,<sup>o</sup> 6 e 11,<sup>o</sup> 1, respectivamente, desde 1854 até hoje. Foi como se vê, o mez de Novembro mais frio, em relação ás maximas.

*Vento dominante*. — NW.

*Chuvas*. — 149,<sup>mm</sup> 1 em 23 dias. Em 5, cahiram 18,<sup>mm</sup> 7, em 6, 26,<sup>mm</sup> 9, em 14, 32,<sup>mm</sup> 323 e em 18, 21,<sup>mm</sup> 0.

*Nebulosidade media*. — 7,<sup>mm</sup> 3.

Céu de algumas nuvens 1 dias.

" pouco nublado 1 "

" nublado 21 "

" encoberto 7 "

*Halo Sol*. — Em 2 e 8.

*Arco iris*. — Em 14.

*Nevoa*. — Em 10, 20, 22 e 23.

Não se registaram trovoadas.

## PARABOLAS

POR ANTONIO CORREIA D'OLIVEIRA

E' este o titulo de um novo livro de versos de Antonio Correia d'Oliveira, o auctor da *Ladainha*, *Eiradas*, *Auto do fim do dia*, *Alivio de tristes*, *Cantigas*, *Raiç*, *Auto de junho e Ara*, sabido a publico o anno passado, sendo o seu primeiro livro, *Ladainha*, de 1897, pelo que se vê ter publicado um em cada anno.

Isto mostra a exuberancia do poeta, manifestada no vario sentir de seus versos, tocando todas as cordas do coração humano, ora cantando a natureza como na *Ara*, esse poema pantheista que ficará como obra prima da poesia portugueza, ora nos idyllios do *Auto de Junho*, ora nos cantares do povo, como nas *Cantigas*. Simples e bom fallando ao coração, consolando a alma dos tristes, accendendo-lhe uma esperanza:

«O' coração pequenino,  
«Sê tu forte!  
«Põe na bondade o teu norte:  
«E sobe contra a maré!

E assim viemos topar com estes versos das suas *Parabolas*, que estamos folbeando, onde em cada pagina nos enleia, o espirito se alegra, o coração rejubila:

«A alegria em si, é Deus,  
«Com certeza:  
«Pois não vês a natureza?  
«Não vês tu o sol dos céus?  
«E a terra, com seu verdor

do! Nada escapa aos olhos de Deus! E quem te afirma que elle se não ache presente no teu lar? Elle, em sua suprema bondade, deu-te o pão, só tens que o cozer no forno! Elle vê tudo, tudo! A quem pertence, dize lá, aquelle olho que vez figurado no triangulo? A quem, dize lá? (\*)

E a locandeira tudo era benzer-se, ás escondidas, por debaixo do lenço.

— O velho inimigo é mais rijo que o diamante! Que o proprio diamante! insistiu o Jurodiwi rangendo os dentes. A velha serpente!

Mas Deus hade resuscitar! Hade resuscitar, sim, para confundir os seus inimigos! Heide evocar os mortos! todos! todos! Investirei com os seus inimigos! — Ha... ha... ha! — Irra!

— Não terá á mão uma pinga de azeite? proferiu outra voz, apenas audível; O', se me desse uma gota para lhe untar o pé, panno de linho lavado já eu aqui tenho.

Voltei a espreitar através da fenda do tabique: a mulher do cozaveque estava absorta a tratar do pé inferno do santarrão... A propria Madaléna, disse commigo.

— Já lho dou, minha pombinha, disse a locandeira, venha commigo e tire uma colher de azeite ali da lampada do retabulo.

— Quem será aquella mulher, que lhe faz as vezes de criada? indaguei.

— Não te sei dizer, paezinho, não te sei dizer; o que sei é que vaee tambem a caminho da salvação, andar á talvez a fazer penitencia, para remir algum peccado... Aquillo não é um homem, é um santo!

— Alkulinhinha, rica menina! filhinha da minha alma, repetia entretanto o Jurodiwi, desatando a chorar.

A mulher ajoelhada aos pés do Santarrão fitou os olhos n'este. Deus de bondade! Onde tinha eu visto aquelles olhos? A locandeira foi ter com ella e levou-lhe a colher de azeite. A outra, concluiu o seu curativo, ergueu-se de pé, e perguntou-lhe se não haveria disponivel um compartimento limpo, e uns molhos de feno... Wapili Nekitisch prefere dormir em cama de feno, concluiu a creatura.

— Pois não havia de haver? respondeu a locandeira. Vamos, meu paezinho, proferiu, dirigindo-se ao Jurodiwi, enxuga-te e vaee descansar.

Este, principiou a tossir, de pé, por muito tempo, ao pé do banco, a as cadeias de novo a tilintar; virou-se para o meu ponto de observação, buscando com a vista os retabulos e tudo era per signar-se com as costas da mão.

Identifiquei-o desde logo: era aquelle mesmo Wassili, que em tempos me fez ver o meu defunto pedagogo! Pouca alteração haviam soffrido as suas feições, a expressão era, porém, mais extraordinaria, muito mais fóra do commum...

A parte inferior do ópado semblante desaparecera por baixo das barbas muito crescidas. Esfarrapado, immundo, selvatico, qual se me antolhava, incutia-me agora mais asco do que pavor. Cesou de benzer-se, e deu uns passos, com o olhar baço fito, já no canto da casa, já no sobrado, como que na expectativa de qualquer coisa...

— Wassili Nekitisch, então? não vens? insistia a mulher do cazavéque com humilde contumélia.

O santarrão, de subito, ergueu a cabeça e virou-se para ella; depois, trocou os pés e entrou a cambalear... a sua guia investiu a accudir-lhe e segurou-o por debaixo do braço.

A julgar pela voz e pela figura devia ser ainda muito nova; que eu, o rosto quasi que nem lhovia.

— Akulinhinha, amiguinha! gemeu novamente o Jurodiwi com voz tremula, escancarando a boca e batendo murros no peito. Soltava um carpir fundo, abafado, e um grito de quando em quando. Com a locandeira á frente, saíram do quarto.

Estirado no meu rijo sofá, fiquei a cogitar longamente, acerca d'aquillo que tinha presenciado.

O meu magnetizador havia pois descambado em Jurodiwi, em santarrão. E a um tal estado o havia reduzido aquelle poder, que ninguem lhe podia contestar.

(Continua)

(\*) E' frequente, em retabulos de rito gregco, a presença do olho da Providencia dentro de um triangulo.

«E fartura,  
«Viva e doce agua corrente ?  
«Tudo é Deus em seu amor  
«E semelhança e figura,  
«A' face da criação :  
«E tudo vive contente,  
«Coração !

E vimos nós agora falar do livro, quando elle de ha muito corre mundo e a critica o terá apreciado ! Sempre é tempo, porém, de pagar uma divida que involuntariamente se protraheo, mas não esqueceu e antes bem presente está na memoria.

Só por completa impossibilidade, não agradeceremos mais cedo ao auctor a sua valiosa offerta que tanto nos penhorou, e que elle releve a falta a quem tão sinceramente d'ella se penitencia.

Posto isto, dizemos que não é nosso intento fazer a critica da obra para o que nos falta a competencia embora nos sobre o coração para sentir.

Tanto basta porque é a elle que as *Parabolas* se dirigem com todo o suave perfume de moralidade que as envolve, como balsamo purificador dos soffrimentos da vida.

Maximas salutaes deslizam das paginas das *Parabolas*, ora premiando a virtude, ora castigando o erro: consolo para a alma resignação para a dor, como na parábola *Menino-Deus* :

Logo depois do Natal...

Por signal  
Que o soisinho amanhecêra  
Tão novo, alegre e contente,  
Tão menino em sua luz,  
Que dava vontade á gente  
De perguntar quem nascêra :  
Se fóra o Sol, ou Jesus.

N'uma cidade tão clara  
E tão garrida, que ao vê-la,  
Ao vê-la a gente de cara  
Não repara.  
Nem pode entender ser ella,  
No seu intimo, tão cheia  
De miseria e de tristeza :

(Como um rico que passeia  
Com elle a sua riqueza ;  
E algum pobre o vê, e diz :  
— «Que feliz !» —  
Mas dentro em seu coração,  
sabe o céu  
Quantas lagrimas lá vão,  
Miserias, dor, que sei eu !.. )

A' hora do meio dia,  
Por uma rua se via,  
Caminhando  
Ao bom sol (tão bom calor !)  
Uma pobre mãe, levando  
Pela mão  
O filho que, pelo amor,  
Levava em seu coração.

Sempre o menino parava,  
Se avistava  
Algum alegre brinquedo,  
Coisa que alli não faltava :  
Ficava-se, mudo e quêdo,  
Com longos olhos olhando,  
Cubiçando...

— «Compre-me um brinquedo, Mãe !» —

— «O' meu Deus ! hoje tambem,  
E sem re ! Que scisma a tua !  
Se nunca passas na rua  
Que não queiras  
Comprar as lojas inteiras !  
E' vergonha... E então agora  
Que teu pae, lá na officina,  
Sem descançar uma hora,  
Se rala, mata e amofina  
Para nos dar de comer...  
Faça favor de dizer :  
Acha bonito gastar  
Em coisas para brincar  
O dinheiro que o Pae tem  
De ganhar com o seu suor ?!» —  
Scisma o pequeno. Porém,  
Com certa malicia á flor  
Da sua vozinha :

— «Mãe !  
Mas tudo se arranja bem...  
A'manhã é dia santo,  
Fecha a fabrica : Por tanto,  
O Pae não trabalha : E então  
Não é vergonha comprar !» —

— «A'manhã, meu filho, estão  
Todas as lojas fechadas !» —

Torna de novo a calar :  
Quantas tristezas caladas  
Fallavam no seu olhar !

De repente,  
Como quem mais não consente  
Soffrer em silencio um mal,  
Castigo que não mer'ceu :  
— «Parece, Mãe, que afinal,  
Se o Menino-Deus nasceu,  
Não nasceu p'ra toda a gente...» —

Logo a mãe, tomando-o ao collo,  
Beijando-o na bocca, diz :

— «Para todos, filho, sim !  
Pois se por ti me consolo  
De tanta dor ; se feliz  
E alegre tu me fizeste :  
Meu Amor ! bem vês assim  
Que, — quando tu me nasceste, —  
Nasceu Jesus para mim...»

Trinta e duas parabolas contem o livro e difficil é escolher a que mais fale ao coração, a que envolva mais ensinamento e sã moral.

Estimariamos ver este livro vulgarizado em edição popular, barata, ao alcance de todos, que de sua leitura tirariam proveito.

C. A.

## NECROLOGIA

### DR. JOAQUIM AUGUSTO DE SOUSA REFOIOS

Uma noticia alarmante correu de um a outro extremo do paiz, quando os jornaes publicaram os telegrammas de Coimbra participando um attentado contra o dr. Sousa Refoios, lente de medicina na Universidade, praticado por um seu antigo discipulo, hoje bacharel em medicina Rodrigo de Barros Teixeira dos Reis, que ás 7 horas da noite de 2 do corrente, em plena rua de Ferreira Borges disparara á queima roupa quatro tiros de revolver sobre a victima.

A'quelles telegrammas seguiram-se outros relatando o estado do dr. Sousa Refoios a que não faltavam todos os socorros da sciencia para o salvar, mas que, infelizmente, foram impotentes, exalando o eminente professor o seu ultimo suspiro ás 11 horas da manhã do dia 4 do corrente.

Com a morte do dr. Sousa Refoios, perdeu a Universidade um dos seus mais valiosos lentes, a medicina um dos seus mais notaveis clinicos e operadores.

Mas, se o grande valor d'este homem de sciencia torna mais monstruoso o attentado contra elle cometido, não o é menos como homem da familia, como amigo, como caracter irreprehensivel, como coração bondoso, qualidades reconhecidas por todos que com elle privavam, pelos seus concidadãos, e pelos discipulos que muito lhe queriam.

E' por tudo isto que a noticia do attentado produziu tão grande alarme e a sua morte a todos contristou, porque foi uma grande perda.

No *Tribuna Popular* encontramos as seguintes notas biographicas do dr. Joaquim Augusto de Sousa Refoios, que por mais completas, pedimos venia para transcrever :

«Natural de Miranda do Corvo, filho de Antonio José de Sousa, nasceu a 11 de Abril de 1853, contando pois 52 annos e 8 mezes, de idade. Desde os mais tenros annos mostrou sempre grande amor ao estudo e predilecção ao trabalho e assim, aos 17 annos de idade, tinha concluido todos os seus preparatorios com muita distincção e louvor dos seus mestres.

Matriculou-se no 1.º anno das faculdades de Mathematica e Philosophia no curso medico de 1870-1871, grangeando sempre optima classificação.

No 2.º, 3.º e 4.º annos de Philosophia obteve *accessit*. Em 1873-1874 matriculou-se no 1.º anno da faculdade de Medicina, onde obteve as seguintes classificações: 1.º anno, *accessit*; 2.º anno, segundo premio; 3.º anno, premio; 4.º anno, partido e 5.º anno, premio. Formou-se em 1877-78.

Fez acto de licenciado em 19 de março de 1879, acto de conclusões magnas nos dias 7 e 8 de julho, doutorando-se em 13 de julho do mesmo

anno. Começou a exercer o magisterio em 26 de dezembro de 1882, data em que foi lavrado o despacho nomeando-o lente substituto da faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

Actualmente regia a 11.ª cadeira, clinica cirurgica, do 4.º anno da faculdade de Medicina, e fazia-o com tal distincção, saber e proficiencia, que a sua falta ha-de ser por muitissimo tempo insubstituivel.

¶ Era clinico extraordinario dos hospitaes da Universidade, da Misericordia de Coimbra, do Monte-pio da Imprensa da Universidade, da Companhia Real dos Caminhos de Ferro do Norte e Leste e da *Mutual Life*.



DR. JOAQUIM AUGUSTO DE SOUSA REFOIOS

O dr. Sousa Refoios, que ultimamente militava na politica regeneradora liberal, era um dedicado e convicto apostolo da liberdade.

O illustre extinto deixa notaveis trabalhos scientificos e litterarios. D'entre elles destacamos como mais notaveis :

*O relatório de uma viagem ao estrangeiro*, publicado na imprensa da Universidade em 1891, livro em que o fallecido professor reuniu as observações que fez nos institutos de cirurgia e medicina no estrangeiro, estudo que o habilitou a escrever desassombadamente sobre a deficiencia do ensino na Universidade, e a propôr alvitres para a reorganização do ensino medico na faculdade de Medicina e Escolas Medico-cirurgicas de Lisboa e Porto, com o fim de dar a mais larga instrução e educação praticas aos alumnos de hoje e aos professores de amanhã.

*Mechanismo da contracção muscular*, no *Instituto* vol. XIX; *Estudo sobre a secreção urinaria* (idem vol. XXII); *Relatório de um caso interessante de carcinoma*, em folheto; *Da acção benéfica da estrichimina na constipação de ventre idiopathico* (*Instituto*, vol. XXV); *De la nature infectieuse de la fièvre puerperale*, (dissertação inaugural, 1879, 1 vol.); *Ictericia grave*, sua pathogenia, 1 vol.; *Um caso de hemoptyse com laceração do parenchyma pulmonar*, etc., (na *Coimbra Medica*, 1882); *Septicemia puerperal*, 1882 1 vol.; *O collegio de S. Fiel no Lourçal do Campo*, 1883 1 vol.; *Ligamento suspensor da axilla*, na *Coimbra Medica*, 1884; *Museu de anatomia normal*, no *Anuario da Universidade*, 1885-1886; *Glyoma da retina no Archivo ophthalmologico de Lisboa*; *Ensaio de electrolyse*, na *Medicina Contemporanea* 1889 etc., etc.

Foi tambem um dos fundadores da actual revista scientifica *O Movimento medico*.

O funeral do dr. Sousa Refoios foi das maiores demonstrações de sentimento que se tem prestado em Coimbra a um morto, e exprimio bem quanto esse morto era querido e amado pelos seus concidadãos.

O corpo cathedratico, toda a academia e população se encorporaram no prestito, e á beira da sepultura discursaram os srs. drs. Pereira Dias, Costa Allemão, Basillio, Egas Moniz, Gama, Bernardino Machado, Daniel de Mattos, e o quintanista sr. Marques da Costa e quartanista sr. Santos e Silva.

CONSELHEIRO PEDRO VICTOR DA COSTA SEQUEIRA

No dia 4 do corrente, na sua casa da calçada do Marquez de Abrantes, n.º 43, 1.º falleceu o conselheiro Pedro Victor da Costa Sequeira, que nasceu no anno de 1846.

Pertencia a uma illustre familia em que se contam homens de talento e de valor, como o glorioso artista Domingos Antonio de Sequeira.

Como seu pae, general do exercito, Pedro Victor quiz seguir a vida militar, cursando a Universidade de Coimbra onde se formou em mathematica e philosophia, mas terminando estes cursos, resolveu seguir o curso de engenharia civil, para o que deu baixa do exercito.

Dedicou-se mais em especial ao estudo de engenheiro de minas, tendo realizado estudos importantes em minas do Alemtejo.

Na imprensa distinguiu-se como jornalista, tendo fundado o *Diario de Portugal* e colaborado na *Gazeta de Portugal*, *Correio da Manhã*, *Reporter* e *Jornal do Commercio*.

N'estes jornaes combateu a situação progressista de 1879 a 1881, declarando-se abertamente regenerador, partido que sempre seguiu honradamente. Foi por esta epoca que o sr. Pedro Victor entrou na politica, e quando, em 1881, subiu ao poder o partido regenerador, nomeou-o governador civil de Beja, onde o illustre engenheiro e jornalista foi bem recebido por aquelles povos, que já conheciam e apreciavam seus merecimentos.

O sr. Pedro Victor fez parte das côrtes constituintes de 1834 como deputado por Mertola, e nas eleições progressistas de 1887 foi eleito por Beja, em opposição ao governo. Voltou a ser eleito em 1889 e 1890.

O parlamentar não ficou inferior ao jornalista e muitos se lembrarão da parte importante que elle tomou na discussão das



CONSELHEIRO PEDRO VICTOR DA COSTA SEQUEIRA

obras do porto de Lisboa, e no projecto de estradas por empreitadas geraes, affirmando, n'essa discussão, os seus vastos conhecimentos de engenharia.

Foi pela primeira vez ministro em junho de 1892, na recomposição do ministerio presidido pelo sr. conselheiro José Dias Ferreira, tomando conta da pasta das obras publicas, commercio e industria.

Para isso foi muito instado, seguindo as indicações do partido regenerador, cuja attitudde era benevola para a situação presidida pelo sr. conselheiro José Dias Ferreira.

De si deixa memoria honrada o illustre extinto como homem politico, a quem todas as distincções acentavam bem, e que sempre se desempenhou com superior criterio e zelo dos altos cargos que foi chamado a desempenhar.

O conselheiro Pedro Victor foi alem de um engenheiro distintissimo, ministro de Estado honorario, official-mór da casa real de que era tambem administrador, deputado, par do reino, jornalista notavel e inspector do Conselho Superior de Minas.

Era um dos socios mais antigos e mais dedicados da Sociedade de Geographia de Lisboa, onde exercia o cargo de presidente da Secção de Agricultura.

A sua morte foi muito sentida e o partido regenerador perdeu um dos seus mais valiosos membros.

O sr. conselheiro Hintze Ribeiro tinha pelo fallecido grande dedicação, e logo que soube da sua morte se dirigio a casa da viuva a apresentar pessoalmente suas condolencias.

## Santos Camiseiro

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25 — ROCIO

— LISBOA —

Sempre bom sortido de camisas, camisolas, meias, peugas, gravatas, punhos, collarinhos e muitos outros artigos de phantasia, como botões para collarinhos e punhos, carteiras, malas para viagem e lençaria.

**ESPECIALIDADE EM CAMISAS PARA CASACA**  
(o que ha de mais moderno)

Executa-se toda a rouparia por medida

## Methodo Berlitz

LISBOA

PORTO

R. do Alecrim, 30 A  
1.º e 2.º andar

Rua Sá da Bandeira, 25g

Duas medalhas de ouro e prata  
Exposição Universal de Paris de  
1900 **Grand Prix**—  
Exp. de S. Luiz 1904  
Esp. de Liege

**THE BERLITZ SCHOOL OF LANGUAGES**  
Academia de Linguas Vivas

Ensino pratico  
POR

Professores estrangeiros

Professores de S. M. El-Rei D. Alfonso XIII

Professores de S. M. o Principe Real da Alemanha

Professores de S. M. o Principe Friedr. Wilh. da Prussia, etc.

ENSINO INDIVIDUAL e em CLASSES GERAES, separadas para HOMENS e SENHORAS

Alemão, inglez, francez, italiano, hespanhol, portuguez

Os cursos da Academia BERLITZ funcionam todos os dias das 8 da manhã ás 10 horas da noite

## Almanach illustrado do OCCIDENTE Para 1906

Sahiua a publico este interessante annuario e desde já se recebem encomendas. A capa é uma bonita aguarella do sr. José Leite. Preço 200 réis, pelo correio 220 réis.

EMPRESA DO OCCIDENTE — LARGO DO POÇO NOVO  
LISBOA

## Bilhetes postaes illustrados

Grande edição Faustino A. Martins

Praça de Luiz de Camões, 32—LISBOA

Esta edição é a mais notavel que existe em Portugal não só pela grande variedade e escolha do assumpto, como pela nitidez e perfeição artistica.

A edição **Martins** comprehende já cerca de 1000 variedades entre as quizes figuram: Familia Real Portugueza e todos os soberanos agrupados por dynastias; monumentos, edificios notaveis, vistas de Lisboa e muitos pontos do paiz, assumptos militares, maritimos, agricolas, touromachicos, theatraes, vultos notaveis em todas as sciencias, etc., etc.

Cada duzia 200 réis. Para revender condições muito vantajasas

## ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas  
nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 411, 1.º (à P. Luiz de Camões) — LISBOA

## PHOTOGRAPHIA FILLON

A mais antiga de Portugal



**A. BABONE**

Pintor photographo de Suas Magestades e Altezas

Premiado em diversas exposições estrangeiras com o **Grand Prix**, 4 diplomas de honra  
8 medalhas d'ouro e 2 de prata

Fazem-se retratos em todos os generos  
Grande collecção de monumentos historicos, museus e academias  
do paiz

79, RUA SERPA PINTO, 87 (Chiado, junto da Igreja dos Martyres), LISBOA

## LE DICTIONNAIRE

DES SIX LANGUES



Médaille à l'Exposition Universelle  
de Paris de 1900

**Français, Allemand, Anglais Espagnol,  
Italien et portugais**

Prix 25 francs ou 1 £

Editeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal

## Atelier Photo-Chimi-Graphico

**P. MARINHO & C.ª**

Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

N.º telephonico, 82g

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras.—Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

## FABRICA DE MOVEIS NO PORTO

DE

**REIS & FONSECA**

Com officinas e deposito em Lisboa

Completo sortimento de mobillas e estofos em todos os generos e estylos

PREÇOS SEM COMPETENCIA

**LARGO DO CALHARIZ, 26 E 27 — LISBOA**